

CURSO DE EXTENSÃO “COSMOVISÕES NEGRAS E INDÍGENAS” educação pela experiência contra-colonial

EXTENSION COURSE “BLACK, AND INDIGENOUS WORLDVIEWS” education through the counter-colonial experience

CURSO DE EXTENSIÓN “COSMOVISIONES NEGRAS E INDÍGENAS” educación a través de la experiencia contracolonial

Efigênia Rocha Barreto da Silva

Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – efy.geninha@hotmail.com

Jônatas Reis da Silva

Graduando em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – jonatas.reis009@gmail.com

Resumo

No contexto da busca por práticas educativas e acadêmicas que promovam a contra-colonialidade, este artigo reflete a experiência do curso de extensão “Cosmovisões negras e indígenas: contra-colonialidade e pensamento geográfico”, ministrado no primeiro semestre de 2020 pelo Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Realizado no contexto da pandemia do COVID-19, de forma remota, o curso criou oportunidade de formação dialógica, fomentando uma abertura na episteme hegemônica do pensamento geográfico. Tal experiência, no entanto, está para além do conhecimento, encontrando sua potência no encontro de cosmovisões e suas reverberações. Partindo da vivência como monitores e participantes, este relato de experiência avalia o potencial formativo e as possibilidades abertas para pensar outras geografias na perspectiva contra-colonial a partir do encontro de epistemologias.

Palavras-chave: Extensão universitária. Contra-colonialidade. Cosmovisões. Epistemologia.

Abstract

In the context of the search for educational and academic practices that promote the counter-coloniality, this paper reflects the experience of the extension course “Black and indigenous worldviews: counter-coloniality and geographical thinking”, taught in the first semester of 2020 by the Geographical Knowledge and Alterity Laboratory (Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade – SABGEO), from Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brazil. Held remotely in the context of the COVID-19 pandemic, the course created an opportunity for dialogical training, promoting an opening in the hegemonic episteme of geographic thinking. Such an experience, however, is beyond knowledge, finding its power in the meeting of worldviews and their reverberations. Starting from the experience as monitors and participants, this experience report assesses the training potential and the open possibilities to think about other geographies in the counter-colonial perspective from the meeting of epistemologies.

Keywords: University extension. Counter-coloniality. Worldviews. Epistemology.

Resumen

En el contexto de la búsqueda de prácticas educativas y académicas que promuevan la contracolonialidad, este texto refleja la experiencia del curso de extensión “Cosmovisiones negras e indígenas: contracolonialidad y pensamiento geográfico”, impartido en el primer semestre de 2020 por lo Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO), de la Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil. Realizado de forma remota en el contexto de la pandemia COVID-19, el curso creó una oportunidad para la formación dialógica, fomentando una apertura en la episteme hegemónica del pensamiento geográfico. Sin embargo, tal experiencia está más allá del conocimiento, y encuentra su potencia en el encuentro de visiones del mundo y sus repercusiones. A partir de la experiencia como monitores y participantes, este relato vivencial evalúa el potencial formativo y las

posibilidades abiertas para pensar en otras geografías en la perspectiva contracolonial desde el encuentro de epistemologías.

Palabras-clave: Extensión Universitaria. Contracolonialidad. Cosmovisiones. Epistemología.

Introdução

O presente artigo tem como enfoque o relato de experiência do Curso de Extensão “Cosmovisões negras e indígenas: contra-colonialidade e pensamento geográfico” destacar a experiência da temática, uma formação antirracista de orientação descolonial que ocorreu entre os meses de maio e junho de 2020. O curso foi desenvolvido de forma remota por ambiente virtual, modalidade adotada por algumas instituições de ensino do país diante do cenário pandêmico do COVID-19.

O curso foi construído pré-pandemia do coronavírus, no entanto o lançamento do edital PROEX-030/2020 para projetos que abordassem a temática do COVID-19, o qual assola o mundo atualmente, possibilitou a articulação do projeto do curso, contemplando assim com monitoria remunerada para subsidiar o seu desenvolvimento. O curso surge a partir de inquietações de professoras do curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia, na busca incessante por uma Geografia contra-colonial, em busca de outra racionalidade, não limitada à eurocêntrica, de maneira a contribuir para uma educação não só crítica, mas também humanista por meio da ressignificação dos conceitos geográficos.

O curso de extensão articulou ações entre dois núcleos de pesquisa ligados a dois *campi* da UNEB: o SABGEO – Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade, do *campus* IV, de Jacobina, e o TECEMOS – Território, Cultura e Ações Coletivas, do *campus* XI, de Serrinha. O curso, oferecido na modalidade on-line e de forma gratuita, teve como principal público-alvo acadêmicos e professores quilombolas e indígenas, tendo duração de dois meses.

Com metodologias de aulas expositivas e dialogadas, com discussões de textos-base, enviados previamente aos participantes, os encontros ocorriam com frequência semanal por meio da plataforma do *Microsoft Teams* (adotada institucionalmente pela UNEB). Durante as aulas havia o momento de exposição de cada professor convidado e o momento de interação com dúvidas, comentários, este que se constitui um momento único, de grandes aprendizagens e trocas de conhecimento.

Para o pesquisador Huri Paz “A pandemia da Covid-19 desvelará desigualdades históricas nas sociedades latino-americanas” (PAZ, 2020). Ele afirma ainda que a pandemia caracteriza um momento de visibilidade para a emergência das questões sociais em pé de

desigualdade, sendo esta uma desigualdade forjada pela história, inferindo assim sobre o processo cruel de colonização desses povos latino americanos.

Analisando a desigualdade social no Brasil, Campello et al (2018, p. 54) afirmam “O Brasil vivenciou uma inédita e sistemática queda da desigualdade no período recente, mas continua a ocupar a posição de um dos países mais desiguais do mundo”, o país no qual a desigualdade social e econômica já se encontrava situação crítica, com a pandemia do COVID-19, houve inúmeros acréscimos nos números da população em situação de pobreza, assim como desemprego.

Assim, como explicita Bruno Dias (2020) “A Pandemia da Covid-19 não irá afetar a todos da mesma maneira” (DIAS, 2020, p.1). Tendo em vista a enorme desigualdade social e econômica que o país vem enfrentando, é salutar que o uso da internet e a criação de curso de extensão, como esse citado neste artigo, possibilitam e fortalecem as ideias, e o conhecimento frente às percepções do mundo. É válido lembrar que, debatendo acerca dos conceitos geográficos referentes às visões dos quilombolas e dos povos indígenas, o tema saúde entra como um ponto importante a ser problematizado com precisão dentro do contexto racial e indígena.

O artigo tem como objetivo evidenciar a experiência de monitores, elencando a vivência no curso de extensão online. Iniciamos com a apresentação do curso em “Cosmovisões negras e indígenas: monitoria e atividade extensionista”, discutindo a importância da atividade extensionista, assim como a monitoria na construção da identidade do licenciado em formação. A seguir, no tópico “Educação contra-colonial no contexto da COVID-19”, apresentamos as reflexões do desenvolvimento do curso de forma remota, (online) e suas implicações no contexto pandêmico do coronavírus. No tópico “Aprendizagem significativa”, evidenciamos a aprendizagem significativa a partir da experiência, da valorização do saber e da construção da aprendizagem a partir da interação e da articulação com as várias cosmovisões e cosmo percepções. Por fim, encerramos o texto com “Cosmovisões para uma outra geografia”, no qual tecemos nossas considerações finais acerca desta experiência.

Cosmovisões negras e indígenas: monitoria e atividade extensionista

Para Saraiva (2007) a extensão universitária é idealizada como um campo de pesquisa de vivências singulares que possibilitam o aluno de graduação expandir sua compreensão sobre a complexidade social e suas nuances de maneira que contribui, podendo assim ser possível o constituir em sua formação pessoal.

Segundo Caro; Jantke (2013, p.102) as extensões universitárias são:

[...] experiências agregam valor ao saber acadêmico, por meio de reflexões e experiências de âmbito ético e político, que permitem mudança de visão nos alunos, professores e colaboradores, envolvidos nos programas e projetos, que certamente contribuem para o amadurecimento de sua postura pessoal e profissional.

Durante o desenvolvimento do curso de extensão tiveram como metodologia aulas expositivas e dialogadas, de forma que possibilitou as trocas, as contribuições, tornando a aula mais dinâmica e fluída na construção do conhecimento.

Contribuindo com a metodologia de aulas expositiva e dialogada, o grande mestre Paulo Freire (1971, p. 36) afirma:

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador educando e educando- educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação.

Freire nos apresenta as diversas possibilidades no processo de construção do conhecimento através do diálogo, uma tônica metodológica do curso, não apenas nas interações entre participantes e ministrantes, mas entre os próprios participantes por diferentes meios. Os ambientes virtuais criados para permitir a dinamicidade durante do curso operou, metodologicamente para além das trocas de informação. Grupos de comunicação em aplicativos de comunicação instantânea se transformaram em fóruns de discussão, criando outra forma de oportunizar momentos interativos, debates que enriqueceram a construção do conhecimento.

O curso contou com professores e estudantes de graduação, não sendo possível discriminar a área de formação ou atuação dos mesmos, por falta de informações dos inscritos no preenchimento de informações no ato de inscrição.

Ocorrido durante os meses de maio e junho de 2020, com carga horária de 65 horas divididas em aulas ofertadas por módulos, com encontros semanais ministrados por diversos professores de diferentes instituições e áreas de conhecimento. Contabilizando toda equipe foi composta por: 3 professoras coordenadoras, 4 monitores e 9 professores convidados.

As divisões dos respectivos módulos se deram por aproximação temática como elencada abaixo:

- 1- As epistemologias e o pensamento geográfico;
- 2- Biointeração: a visão contra colonial da natureza;
- 3- Abordagem afrocentrada no ensino de geografia cosmogonias yorubanas;
- 4- Territorialidades negras: contra colonização do conceito de território na perspectiva das comunidades tradicionais e dos terreiros de candomblés;
- 5- Territórios quilombolas e identidade;
- 6- Cosmovisões indígenas;
- 7- O tupí em nosso dia a dia: corruptelas e contribuições à língua portuguesa;
- 8- Gênero e sexualidade em uma perspectiva decolonial;
- 9- Por diálogos de saberes: a educação nos territórios pesqueiros em debate;

O planejamento do curso se deu em módulos, abarcando as diversas temáticas alinhadas ao tema geral do curso. Dentro das etapas foi fundamental o auxílio dos monitores nas demandas técnicas, principalmente envolvendo a mediação tecnológica via internet.

Segundo Nascimento et al. (2010), as atividades de monitoria podem representar um instrumento que pode ser eficiente e eficaz para a melhoria do ensino de graduação. Seja por meio do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que fortaleçam a articulação entre teoria, prática e integração curricular ou pela cooperação discente-docente a monitoria permite resgatar as eventuais dúvidas e dificuldades ocorridas em sala de aula e propor medidas capazes de saná-las.

A monitoria se constitui em um momento singular para o aluno de graduação, este momento que propicia inúmeras aprendizagens, experiências que por vez é capaz de remontar o ser humano ideologicamente, é capaz de despertar, sensibilizar através da vivência para a construção profissional.

A monitoria remonta a construção de estratégias, dinâmicas, planejamento e didática através do acompanhamento e estruturação do desenvolvimento de um projeto, expondo os alunos de graduação as inúmeras possibilidades de elaboração pedagógica de eventos.

Nunes (2007) ressalta a prática da atividade de monitoria não presencial.

O trabalho do monitor não precisa ocorrer apenas na forma presencial. Se o professor usa, por exemplo, um ambiente virtual de aprendizagem ou recursos da internet, como e-mail, chat ou fórum, as atividades de apoio à aprendizagem dos alunos poderiam acontecer à distância. [...] o professor pode criar fóruns de discussão de temáticas abordadas em sala, deixando o monitor como moderador e mediador do fórum. (NUNES, 2007, p. 54).

A reflexão do autor contribui para compreendermos a amplitude de inúmeras tarefas a serem desenvolvidas por monitores, principalmente neste momento de ensino remoto que estamos vivenciando, no qual, aliados à tecnologia são desenvolvidas inúmeras atividades que potencializam a construção do conhecimento.

A monitoria pode ser compreendida a partir da experiência enquanto monitores-cursistas, que são monitores ao mesmo tempo que são alunos do curso em questão, sendo ainda mais profunda a relação e aproximação com a experiência no curso, desde as demandas de atividades no planejamento, envio de materiais, leituras e articulações a interação e participação ao longo do processo da construção do conhecimento possibilitado em sala.

Educação contra-colonial no contexto da COVID-19

Diante das novas questões implícitas que nos remete a doença, aulas presenciais se tornaram inviáveis, bem como a realização de qualquer evento acadêmico, sendo assim o curso se propôs desde o início ser realizado remotamente via mediação tecnológica que, como fora citado anteriormente, possibilitou a presença de participantes das mais variadas regiões do país, enriquecendo assim as trocas.

Sobre este momento de pandemia do COVID-19, Ailton Krenak ressalta as novas demandas e exigências que o novo coronavírus requer.

Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. (KRENAK, 2020, p.22).

Nisso, o ensino remoto é visto como uma solução temporária para dar continuidade às atividades pedagógicas e tem como principal ferramenta as possibilidades de comunicação via internet, de uso corrente em diferentes classes sociais. Mas, não deve ser esquecido o fato de que, mesmo com a possibilidade das atividades remotas desta forma, o acesso à internet ainda se encontra muito desigual tanto do ponto de vista geográfico quanto social, apresenta um viés socioeconômico que circunscreve sua acessibilidade.

O acesso à internet em tempos pandêmicos evidencia duas facetas que ficaram bastante evidentes no desenvolvimento do curso: se ela permitiu a participação de pessoas de regiões distantes do país, ao mesmo tempo impossibilitou pessoas de lugares relativamente circunvizinhos em participar do curso, pois a falta de acesso constante ou eficiente da internet. Este foi o caso, por exemplo, de muitos dos estudantes de graduação e pós-graduação da instituição promotora do curso, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

De acordo com a pesquisa coordenada por Gilnei Silva (2020), “Cerca de 20 milhões de domicílios (28%) não possuem conexão à Internet, realidade que afeta especialmente famílias com renda de até um salário mínimo (45%)” e “35 milhões de pessoas em áreas urbanas (23%) e 12 milhões em áreas rurais (47%) seguem desconectadas, sem internet” (BRASIL DE FATO, 2020, p.1).

A justificativa deste trabalho consiste em evidenciar a experiência dos monitores, partindo da premissa das vivências e experiências, possibilitadas com a interação entre textos, discussões com as temáticas e os demais alunos do curso, evidenciando a importância da interação ao longo do processo, de maneira significativa a contribuição das demais áreas do conhecimento.

Uma discussão norteadora da experiência consiste em pensarmos a ciência geográfica e sua construção com moldes coloniais. Neste sentido, a colonialidade tem se mostrado constante e constituinte de nossa sociedade e presente na forma de construção da própria ciência geográfica. Segundo Cruz (2017), a colonialidade

[...] é um resíduo irreduzível de nossa formação social e está arraigada em nossa sociedade, manifestando-se das mais variadas maneiras em nossas instituições políticas e acadêmicas, nas relações de dominação/opressão, em nossas práticas de sociabilidades autoritárias, em nossa memória, linguagem, imaginário social, em nossas subjetividades e, conseqüentemente, na forma com produzimos conhecimento (CRUZ, 2017, p.16).

A partir das discussões a respeito da colonialidade, é possível entendermos a importância desse curso e a necessidade de discussões que abordem essas temáticas, uma vez que a colonialidade é responsável pelo esforço de apagamento e desvalorização de conhecimentos, modos de vida, formas de ser, de conceber a vida, a natureza e o mundo. Isto é o que Quijano (2005) relaciona à colonialidade do poder, do ser, do saber e da natureza.

De acordo com Grada Kilomba (2008, p. 53), “Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência creditável”. A ciência com seu enfoque europeu branco, invisibiliza, anula os conhecimentos, exclui as vivências e as experiências como irrelevantes, o que é demonstrado, segundo a autora, nos discursos do que é ou não científico.

Para além do enfoque científico, as dimensões do ser e suas noções foram e continuam a ser violadas, por uma racionalização dos povos europeus e seus modos de vida impostos aos colonizados. Como cita Grosfoguel (2008, p. 124):

O patriarcado europeu e as noções européias de sexualidade, epistemologia e espiritualidade foram exportadas para o resto do mundo através da expansão colonial, transformadas assim nos critérios hegemônicos que iriam racializar, classificar e patologizar a restante população mundial de acordo com uma hierarquia de raças superiores e inferiores.

A forma naturalizada como a colonialidade está no cunho social, anulando os corpos negros e indígenas é apontado por Pinho (2004, p. 119):

Chama-se aqui de eurocentrismo o predomínio – consensual e, por isso mesmo, já tornado invisível – dos padrões brancos, como se a ‘branquitude’ fosse o ‘normal’, o ‘universal’, o padrão pelo qual tudo é medido e contra o qual os ‘outros’ são representados. O predomínio das versões eurocênicas define desde os padrões de beleza até os lugares que devem ser ocupados por negros e brancos na história do Brasil [e na geografia de seu território].

A visão eurocêntrica oprime os seres, dita normas e padrões, naturaliza as diversas formas de opressão presentes na sociedade reproduz as violências epistêmicas. Diante das variadas formas de opressão às quais estão sujeitos a população negra e indígena ressaltamos a iniciativa do curso de extensão.

Santos (2015, p.37) demonstra como o mesmo percebe a ação da colonialidade nos povos.

No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas.

Refletindo sobre as sequelas coloniais que são enfrentadas na sociedade contemporânea, Santos nos demonstra mais uma vez a relevância e a necessidade do desenvolvimento e ampliação de debates contra-coloniais, de(s)coloniais como este curso possibilitou.

Uma perspectiva adotada no desenvolvimento deste curso de extensão foi a discussão sobre a identidade, na qual é importante ressaltar a contribuição de Silva (2014, p. 21).

A geografia das existências busca possibilidades de método de pensar, que reconheça a dialética da dominação e da resistência e insurgência, como um processo que somente pode ser compreendido como totalidade. Aprofundar as relações entre as escalas, em que não existe uma mais importante que a outra.

Entendemos a contribuição da geografia da existência no âmbito da multiplicidade e visibilidade das existências, se aplicando na metodologia e produção de conhecimento geográfico, mas também de multiplicidade e visibilidade, autonomia da existência do ser enquanto sua geograficidade está implicada em novas formas de ver e conceber o eu e o outro. Esta experiência foi possibilitada no plano individual e epistemológico ao longo do curso enquanto monitores e participantes.

Krenak (2019) nos convida a pensarmos a contribuição das diversas perspectivas de novas visões e percepções acerca dos diversos povos.

Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (KRENAK, 2019, p.15).

Consideramos importante pensarmos as diversas possibilidades de conceber a vida, a natureza, assim como tudo que está implicado, de acordo com a multiplicidade de vivências, experiências, as quais apresentam resistência à tentativa de homogeneização operada pela colonialidade, excluindo tudo que for diferente.

Aprendizagem significativa

Nesta perspectiva abordamos a relevância da valorização da experiência do aprendiz seja ele aluno ou apenas um sujeito social, uma vez que a aprendizagem, podendo ocorrer em qualquer fase da vida, sendo os conhecimentos prévios aprendidos no convívio social, da experiência cotidiana, vivência, não sendo apenas aquela aprendida no ensino escolar.

Gayato (1989, p.12) retrata.

[...] em Paulo Freire, a abordagem da educação não é unilateral. Não há uma relação linear de poder, mas um processo dialético em que educador e educando estão imersos numa aventura de descoberta compartilhada. Por isso é [a educação] uma concepção revolucionária, comprometida com a libertação humana.

Dessa forma a educação não deve ser compreendida de forma mecânica, colocada em hierarquias de quem se ensina e quem se aprende e sim de forma deslocada que possibilite as trocas, as interações entre os saberes e as experiências, em valorização da descoberta e compartilhamento de saberes.

Na perspectiva da proposição do curso de extensão, de forma dialogada e participativa da construção do conhecimento, de valorização dos saberes, articulando a percepção e a cosmovisão contra-colonial para a aprendizagem significativa. Destacamos a contribuição de Miranda (2014, p. 62):

[...] para o campo das sensações e emoções, elementos de mister importância nas culturas negras, visto que nem tudo é palpável, mensurável, visível. Muito se constrói na perspectiva da afetividade, do sentir, do arrepio, da emoção espontânea provocada pelos elementos da Natureza. Nesse movimento, não existe a dicotomia Cultura e Natureza, ambos estão intrincados.

Na construção da aprendizagem temos a consideração das relações de trocas entre os pares, a partir dos sentidos e significados, do homem enquanto natureza na construção de relações, nas trocas, nas leituras, interpretações e tateações.

Assim como as experiências possibilitadas em desenvolvimento de projetos de extensão, ensino e pesquisa se constituem em uma possibilidade de acesso a um novo universo de experimentações, vivências singulares que podem e contribuem na ressignificação como seres sociais, da colonialidade à medida que se vivencia e se possibilita o deslocamento e o atravessamento pelo saber.

A experiência foi construída e vivenciada a cada encontro, cada leitura de texto, discussão e provocações, participações dos cursistas assim como monitores-cursistas a partir das múltiplas aprendizagens, os deslocamentos, ressignificações dos conceitos geográficos e as cosmovisões e cosmopercepções acerca da ciência ou mesmo existência enquanto sujeitos no mundo.

As discussões dos textos, a partir da diversidade de temas através da construção da interação com a participação dos demais cursistas com a contribuição de textos, falas com convites para o deslocamento de pensamentos, para a construção de ciência, como a contribuição das epistemes do Sul, de valorização do saber, das cosmovisões negras e indígenas, como o conhecimento das palavras de origem tupí apresentadas, como vários autores que buscam a construção de uma ciência contra-colonial.

Trindade (2006, p.100) convida à reflexão sobre a valorização da ancestralidade com respeito à produção de conhecimentos, das gerações mais velhas para as gerações mais novas, em uma dimensão do saber e poder, pois testemunharam a construção do saber geracional. Confluindo com o autor ressaltamos a importância da valorização das múltiplas formas de saber na transcendência da construção da aprendizagem.

A experiência significativa que o curso possibilitou enquanto monitores-cursistas partiu da cosmovisão da valorização dos saberes dos demais povos e a potencialidade para a construção de uma ciência a partir da ecologia dos saberes como afirma Boaventura de Sousa Santos (ano) e a possibilidade de uma ciência contra-colonial dos saberes como denota Antônio Bispo dos Santos (2015).

Considerações finais

Diante do que foi explanado ao longo deste artigo, consideramos de extrema importância a experiência de monitoria no curso de extensão, contribuindo com o arcabouço teórico e a significativa contribuição da identidade profissional que estamos construindo ao longo da graduação.

Sendo assim, o curso de extensão “*Cosmovisões negras e indígenas: contra-colonialidade e pensamento geográfico*” apresentou-se de maneira enriquecedora para formação acadêmica e pessoal enquanto monitores-cursistas na ressignificação dos conceitos geográficos, possibilitou um novo olhar para a construção da ciência geográfica, na valorização do saber, das múltiplas cosmovisões e cosmopercepções, assim como a busca por novas epistemes a partir da construção de uma identidade e geograficidade que valoriza nossos modos de vida. De forma que caracterizamos significativas as experiências adquiridas, percorremos da experiência ao conhecimento contra-colonial.

Referências bibliográficas

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **O Brasil africano**: geografia e territorialidade. Brasília: CIGA/CESPE/UnB, 2010.

CAMPELLO, Tereza; et al. Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, N. Especial 3, p. 54-66, Nov 2018.

CARO, Sueli Maria Pessagno; Jantke, Regina Vazquez Del Rio. A extensão e o exercício da cidadania. In: **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Org. Síveres, Luiz. Brasília-DF, 2013. p.93-108. Disponível em: <
https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml?v=2.1.196&id=p::usmarcdef_0000232083&file=/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach_import_0736d598-26e4-45d4-a2db-41f4cbf77a44%3F_%3D232083por.pdf&locale=en&multi=true&ark=/ark:/48223/pf0000232083/PDF/232083por.pdf#%5B%7B%22num%22%3A201%2C%22gen%22%3A0%7D%2C%7B%22name%22%3A%22XYZ%22%7D%2Cnull%2Cnull%2C0%5D>. Acesso em: 17 de jul de 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. **Geografia e Giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra capital, 2017. p. 15-36.

DIAS, Bruno C. Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade. **ABRASCO**. 31 mar. 2020. Disponível em: <[FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.](https://www.abrasco.org.br/site/gtenvelhecimentoesaudecoletiva/2020/03/31/pandemia-do-covid-19-e-um-brasil-de-desigualdades-populacoes-vulneraveis-e-o-risco-de-um-genocidio-relacionado-a-idade/#:~:text=A%20Pandemia%20da%20Covid%2D19,Como%20nos%20aponta%20o%20Prof.>https://www.abrasco.org.br/site/gtenvelhecimentoesaudecoletiva/2020/03/31/pandemia-do-covid-19-e-um-brasil-de-desigualdades-populacoes-vulneraveis-e-o-risco-de-um-genocidio-relacionado-a-idade/#:~:text=A%20Pandemia%20da%20Covid%2D19,Como%20nos%20aponta%20o%20Prof.> Acesso em: 03 de mar de 2021.</p></div><div data-bbox=)

GAYATTO, M. L. C. Abertura do seminário. In. ORTH, L. M. E. (Tradutora). **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. p. 11-13.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, 2008.

HACK, Josias Ricardo. **Introdução à educação à distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

JEZINE, E. **As práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte. 2004.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação Episódios de racismo cotidiano**. 2008. Tradução: Jess Oliveira. 2019. p-246. Disponível em: <https://www.academia.edu/39868012/MEM%C3%93RIAS_DA_PLANTA%C3%87%C3%83O_-_EPIS%C3%93DIOS_DE_RACISMO_COTIDIANO>. Acesso em: 30 de jul. de 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, A. L. et al. O papel da extensão universitária frente às políticas públicas: um relato de experiência do espaço criança esperança-BH. Produção de conhecimento e transformação: o papel da extensão universitária. III Seminário de Extensão Universitária. **Anais**. VII Seminário de Extensão Universitária. p.16. Disponível em: <http://www1.pucminas.br/documentos/forext_21.pdf>. Acesso em: 22 de mar de 2021

MIRANDA, E. O. O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade) – Programa de Pós-Graduação

em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

NASCIMENTO, C. R.; SILVA, M. L. P; SOUZA, P. X. **Possíveis contribuições da atividade de monitoria na formação de estudantes-monitores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.** UFPE, Recife, 2010. Disponível em: http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2010.1/possveis%20contribuies%20das%20atividades%20de%20monitoria%20na%20forma.pdf. Acesso em: 31 jul 2020.

NUNES, João Batista Carvalho. Monitoria acadêmica: Espaço de formação. In: SANTOS, Mirza Medeiros; LINS, Nostradamos de Medeiros (Orgs). **A monitoria como espaço de iniciação à docência:** possibilidades e trajetórias. Natal, RN: Editora da UFRN, 2007.

PAZ, Huri. As desigualdades sociais que a pandemia da covid-19 nos mostra. **BRASIL DE FATO.** Rio de Janeiro. 04 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/04/artigo-as-desigualdades-sociais-que-a-pandemia-da-covid-19-nos-mostra>. Acesso em: 10 de dez de 2020.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia.** São Paulo: Annablume, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A geograficidade do social:** uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina. En publicación: Movimientos sociales y conflictos en América Latina. José Seoane. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Programa OSAL, 2003. 288 p

QUIJANO, A. A colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos:** modos e significações. Brasília, 2015.

SARAIVA, J. L. Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores. **Brasília Médica**, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

SILVA, Cátia Antonia da. **Política pública e território:** passado e presente da efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, J. B. A Utilização Da Experimentação Remota Como Suporte Para Ambientes Colaborativos De Aprendizagem. 2006. 196f. **Tese** (Doutorado em Engenharia de Gestão do Conhecimento da Universidade). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Gilnei J. O. da. Desigualdade digital conectada com a pandemia. **BRASIL DE FATO.** Porto Alegre. 21 jul. 2020. Disponível em:<

<https://www.brasildefatores.com.br/2020/07/21/artigo-desigualdade-digital-conectada-com-a-pandemia>.> Acesso em: 10 de dez de 2020.

TRINDADE, A. L. Os valores civilizatórios e a educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, A. P. TRINDADE, A. L. (Org.) **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 1-116.